

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

OUTUBRO DE 1863

Nº 10

Reação das Idéias Espiritualistas

Há um século a sociedade vem sendo trabalhada pelas idéias materialistas, reproduzidas sob todas as formas, a traduzir-se na maioria das obras literárias e artísticas. A incredulidade estava na moda e era de bom-tom exhibir a negação de tudo, mesmo de Deus. A vida presente, eis o positivo; fora disto, tudo é quimera ou incerteza; vivamos, pois, o melhor possível, porque, depois, não sabemos o que virá. Tal era o raciocínio dos que pretendiam estar acima dos preconceitos e, por isso, se diziam *espíritos fortes*. É preciso convir que eram o maior número, dos que movimentavam a sociedade e tinham o encargo de a conduzir e cujo exemplo necessariamente deveria ter grande influência. O próprio clero sofria essa influência; a conduta, particular ou pública, de muitos de seus membros, em completo desacordo com os seus ensinamentos e os do Cristo, provava que não acreditavam no que pregavam, porque se tivessem acreditado firmemente na vida futura e nos castigos, teriam desprezado menos os interesses do Céu pelos da Terra.

Assim, tinham buscado todas as bases das instituições humanas na ordem das coisas materiais, acabando por reconhecer que faltava a essas instituições um sólido ponto de apoio, desde que

as que pareciam mais bem assentadas desabavam num dia de tempestade; que as leis repressivas mascaravam os vícios, mas não tornavam melhores os homens. Qual era este ponto de apoio? Eis a questão; mas buscavam, e alguns acabaram por crer que Deus bem podia estar para alguma coisa no Universo. Depois alguns espíritos fortes começaram a ter medo e, para não mais rir do futuro senão com os lábios, diziam: Pretendem que tudo acaba com a morte; mas, em última análise, o que sabem disso os que o afirmam? Afinal de contas, é apenas a sua opinião. Antes de Cristóvão Colombo também se acreditava que nada houvesse além do oceano. E se existisse, então, alguma coisa além do sepulcro? Seria interessante sabê-lo, porque, se houver algo, é preciso que todos passemos por isto, já que todos morreremos. Como se fica ali? Bem? Mal? A questão é importante e deve ser considerada. Mas se sobrevivemos, certamente não será o nosso corpo. Temos, assim, uma alma? Então a alma não seria uma quimera? Como será essa alma? de onde vem? para onde vai?

Daí uma vaga inquietação apoderou-se dos mais fanfarrões defronte da morte; trataram de procurar, de discutir; depois, reconhecendo que, fizessem o que fizessem, jamais estariam completamente bem na Terra, por vezes até muito mal, lançaram as vistas e as esperanças para o futuro. Todas as coisas extremas têm a sua reação, quando não estão na verdade; só a verdade é imutável. As idéias materialistas haviam chegado ao apogeu; então perceberam que não davam o que delas se esperava; que deixavam o vazio no coração; que abriam um abismo insondável, do qual recuavam com terror, como diante de um precipício; daí uma aspiração pelo desconhecido e, conseqüentemente, uma inevitável reação para as idéias espiritualistas, como única saída possível.

É tal reação que se manifesta desde alguns anos; mas o homem chegou a um dos pontos culminantes da inteligência. Ora, nessa idade em que a faculdade de compreender está adulta, não

mais pode ser conduzido como na infância ou na adolescência. O positivismo da vida lhe ensinou a procurar, dizemos mais, tornou-lhe necessário o porquê e o como de cada coisa, pois em nosso século matemático há necessidade de darmos conta de tudo, de tudo calcular, tudo medir, para saber onde pomos o pé. Até na abstração queremos a certeza, se não material, pelo menos moral; não basta dizer se uma coisa é boa ou má, quer-se saber porque o é, e se se tem ou não razão para prescrevê-la ou proibi-la; eis por que a fé cega não mais tem curso em nosso século raciocinador. Não se pede apenas que se tenha fé; desejam-na, hoje sentem sua sede, porque é uma necessidade; querem, porém, uma fé raciocinada. Discutir sua crença é uma exigência da época, à qual, bem ou mal, há que se resignar.

As idéias espiritualistas respondem bem às aspirações gerais, sendo preferidas ao cepticismo e à idéia do nada, porque se sabe, instintivamente, que estão certas, mas não satisfazem senão imperfeitamente, porque ainda deixam a alma na incerteza e são impotentes para dar, por si sós, a solução de uma multidão de problemas. O simples espiritualista está na posição de um homem que percebe o seu objetivo, mas ainda não sabe qual o caminho que a ele conduz e encontra escolhos no percurso. Eis por que, nestes últimos tempos, tão grande número de escritores e filósofos trataram de sondar esses misteriosos segredos, porque muitos sistemas foram criados visando a resolver inúmeros problemas que continuam sem solução. Sejam esses sistemas racionais, sejam absurdos, nem por isso deixam de testemunhar as tendências espiritualistas da época, das quais não mais se faz mistério, não se procura ocultar e das quais, ao contrário se gloriam, como outrora se gloriavam da sua incredulidade. Se nenhum desses sistemas chegou à verdade completa, é incontestável que vários se aproximaram ou afloraram, e que a discussão que se seguiu preparou o caminho, predispondo os espíritos para esse gênero de estudo.

Foi nestas circunstâncias, eminentemente favoráveis, que chegou o Espiritismo; mais cedo, ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; em tempo mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego. Ele se apresenta no momento em que o fanatismo, morto pela incredulidade que ele mesmo provocou, não mais lhe pode impor uma barreira séria e em que se está fatigado do vazio deixado pelo materialismo; no momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apodera de todos os espíritos, quando se está à procura das grandes soluções que interessam ao futuro da Humanidade. É, pois, neste momento que ele vem resolver esses problemas, não por hipóteses, mas por provas efetivas, dando ao Espiritismo o caráter positivo, único que convém à nossa época. Nele se encontra o que se busca e que não se encontrou alhures: eis por que o aceitam tão facilmente. Milhares de órgãos lhe abriram e continuam abrindo caminho, semeando pouco a pouco as idéias que ele professa. Não se deve crer que neste caso haja apenas obras sérias, lidas por um pequeno número de eruditos! Notai quanto, sob uma forma leve, a do romance ou do folhetim, abundam neste momento os pensamentos espíritas; por aí penetram em toda parte, mesmo nos que nele menos pensam. São outros tantos germes latentes que eclodem quando vier a grande luz, pois estarão familiarizados com as idéias novas.

Um dos princípios mais importantes do Espiritismo é, incontestavelmente, o da pluralidade das existências corpóreas, isto é, da reencarnação, que os cépticos confundem, por má-fé ou por ignorância, com o dogma da metempsicose. Sem este princípio nós nos chocamos com tantas dificuldades insolúveis na ordem moral e psicológica, que muitos filósofos modernos a ele foram conduzidos pela força do raciocínio, como a uma lei necessária da Natureza; tais são Charles Fourier, Jean Reynaud e muitos outros. Este princípio, hoje discutido abertamente por homens de grande valor, sem que, por isto, sejam espíritas, tem clara tendência a introduzir-se na filosofia moderna. Uma vez de posse dessa chave, a filosofia verá

abrir-se à sua frente horizontes novos e as dificuldades mais árduas serão aplainadas como que por encanto. Ora, ele não pode deixar de chegar a isto; para aí será conduzida pela força das coisas, porque a pluralidade das existências não é um sistema, mas uma lei da Natureza, que ressalta da evidência dos fatos.

Sem ser tão claramente formulado quanto em Fourier e Reynaud, nem apresentado como doutrina, o princípio da pluralidade das existências agora se acha numa porção de escritores e, daí, em todas as bocas, de modo que pode dizer-se que está na ordem do dia e tende a tomar lugar entre as crenças vulgares, embora, em muitas, preceda o conhecimento do Espiritismo. É uma consequência natural da reação espiritualista que se opera no momento, e à qual o Espiritismo vem dar um poderoso impulso. Para citações, teríamos dificuldade na escolha. Limitar-nos-emos à passagem seguinte, de um dos últimos romances da Sra. George Sand: *Mademoiselle de La Quintinie*, obra filosófica notável, posta no index pela cúria romana, bem como a *Revue des Deux Mondes*, que a publicou nos números de 1^o e 15 de março, abril e maio de 1863. Trata-se de um sacerdote muito culpado, levado ao arrependimento, à reparação e à expiação terrestre pelos severos conselhos de um leigo que, entre outras coisas, lhe diz:

“Dizeis que passastes a idade das paixões!... Não, porque entraís na das vinganças e perseguições. Cuidado! Porém, seja qual for a vossa sorte entre nós, vereis claro um dia além da sepultura; e como não creio mais nos castigos sem-fim, do que nas provas sem fruto, eu vos anuncio que nós nos encontraremos num lugar qualquer, onde nos entenderemos melhor e nos amaremos, em vez de nos combatermos. Mas, também como vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. *Creio que expiareis em outra existência o voluntário endurecimento do vosso coração, por meio de grandes dilacerações do sentimento.* No entanto, só vos cabe entrar na via direta da felicidade progressiva, pois estou certo de que tudo pode ser resgatado desde esta vida. A alma humana é dotada de

magníficas forças de arrependimento e de reabilitação. Isto não é contrário aos vossos dogmas, e vossa palavra de *contrição* diz muito.”

Num próximo artigo examinaremos a obra do Sr. Renan sobre a vida de Jesus e mostraremos que, apesar das aparências e sem que o autor o saiba, é ainda um produto da reação espiritualista. Por mais que o materialismo proclame o nada, em vão sacode o círculo da lógica e da consciência universal que o encerra; seus últimos gritos são abafados pela voz que lhe grita dos quatro cantos do mundo: “Temos uma alma imortal!” Mas a quem aproveitará a reação? É o que nos dirá um futuro não muito distante.

Enquanto se aguarda que falemos da obra do Sr. Renan, recomendamos com insistência aos nossos leitores uma pequena brochura, na qual a questão nos parece encarada de um ponto de vista muito racional, e que contém observações muito judiciosas sobre esta delicada questão. Seu título é: *Réflexions d'un orthodoxe de l'Église grecque sur la Vie de Jésus, par M. Renan.* (Didier et Cie. Preço, 50 centavos).

Enterro de um Espírita na Vala Comum

O Sr. Costeau, um de nossos irmãos em Espiritismo e membro da Sociedade de Paris, acaba de morrer. Foi enterrado em 12 de setembro de 1863 no cemitério de Montmartre. Era um homem de coração que o Espiritismo havia conduzido a Deus; sua fé no futuro era completa, sincera e profunda; era um simples calceteiro, que praticava a caridade por pensamento, palavras e obras, conforme seus minguados recursos, pois sempre achava meios de assistir os que tinham menos que ele.

Seria erro imaginar a Sociedade de Paris como uma reunião exclusivamente aristocrática, já que conta alguns proletários

em seu seio; ela acolhe todos os devotamentos à causa que sustenta, venham das altas ou das baixas camadas sociais; o grão-senhor e o artífice aí se dão as mãos fraternalmente. Há algum tempo, no casamento de um dos nossos colegas, também modesto trabalhador, estiveram presentes um alto dignitário estrangeiro e a princesa sua esposa, ambos membros da Sociedade, que não se haviam julgado diminuídos, vindo sentar-se lado a lado com os demais assistentes, embora o luxo da cerimônia, celebrada em obscura capela de opulenta paróquia, tivesse sido reduzida à sua expressão mais simples. É que o Espiritismo, sem sonhar com uma igualdade quimérica, sem confundir as classes, sem pretender fazer passar todos os homens para um mesmo nível social impossível, os faz apreciar do ponto de vista diverso do prisma fascinante do mundo. Ensina ele que o pequeno pode ter sido grande na Terra, que o grande pode tornar-se pequeno e que no reino celeste as posições terrenas não são levadas em conta. É assim que, destruindo logicamente os preconceitos sociais de casta e de cor, conduz à verdadeira fraternidade.

Nosso irmão Costeau era pobre; deixa uma viúva na pobreza e foi enterrado na vala comum, porta tão eficaz para conduzir ao céu quanto um suntuoso mausoléu. O Sr. d'Ambel, vice-presidente, e o Sr. Canu, secretário da Sociedade, presidiram ao cortejo fúnebre; ambos pronunciaram sobre a tumba palavras que causaram viva impressão na assistência e nos próprios coveiros, visivelmente comovidos, não obstante indiferentes a tais cerimônias. Eis a alocução do Sr. Canu:

“Caro irmão Costeau, há apenas alguns anos, muitos dentre nós – e confesso que eu era o primeiro – não teríamos visto ante este túmulo aberto senão o fim das misérias humanas e, depois, o nada, o terrível nada, isto é, nada de alma para merecer ou expiar e, conseqüentemente, nada de Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina doutrina, aqui vemos o fim das provas, e para vós, caro irmão, cujos despojos

mortais restituímos à Terra, o triunfo de vossos labores e o começo da merecida recompensa pela vossa coragem, pela vossa resignação, pela vossa caridade, numa palavra, pelas vossas virtudes e, acima de tudo, vemos a glorificação de um Deus sábio, todopoderoso, justo e bom. Levai, pois, caro irmão, nossas ações de graças aos pés do Eterno, que se dignou dissipar à nossa volta as trevas do erro e da incredulidade, porque, ainda pouco tempo atrás, nesta circunstância, nós vos teríamos dito, com a fronte abatida e o coração desalentado: “Adeus, amigo, para sempre.” Hoje vos dizemos, com a fronte erguida e radiante de esperança, o coração cheio de coragem e amor: “Caro irmão, até mais ver; orai por nós.”

Alocução do Sr. d’Ambel:

“Senhoras, senhores e vós, caros colegas da Sociedade de Paris, é a segunda vez que conduzimos um de nossos companheiros à sua última morada. Aquele a quem vimos dizer adeus foi um desses obscuros lutadores que as dificuldades da vida sempre encontraram inquebrantável; apesar disso, a certeza absoluta por muito tempo lhe havia faltado. Assim, desde que o Espiritismo se lhe tornou conhecido, apressou-se em abraçar uma doutrina que lhe trazia a verdade, e cujos ensinamentos são tão próprios a consolar em suas provas os aflitos deste mundo. Modesto trabalhador, sempre cumpriu sua tarefa com a serenidade do justo; e a adversidade que o feriu tão cruelmente, sem que o soubéssemos, nos últimos dias de sua vida, abriu-lhe – ficai certos, todos que me ouvis – abriu-lhe uma carreira imediata de prosperidade e ventura.

“Ah! quanto lamento que nosso venerado mestre não esteja em Paris! Sua voz autorizada teria sido bem mais agradável que a minha ao irmão que perdemos e lhe teria prestado uma homenagem mais considerável que a que lhe pode prestar a minha obscuridade. Eu teria desejado dar aos funerais de nosso colega uma solenidade maior, mas fui prevenido muito tarde para

comunicar a todos os membros da Sociedade, presentes em Paris. Mas, por poucos que sejamos aqui, representamos a grande família espírita, que uma fé comum no futuro une de um extremo a outro do mundo; somos os delegados de vários milhões de adeptos, em cujo número vimos pedir, caro e lamentado colega, que contribuais, doravante, nos limites de vossas novas faculdades, para a propaganda de nossa magna doutrina que, em meio de vossas últimas e cruéis provas, vos sustentou tão energicamente. Ah! como disse tão eloqüentemente nosso caro presidente Allan Kardec nos funerais de nosso irmão Sanson, é que a fé espírita dá, nesses momentos supremos, uma força de que só se pode dar conta aquele que a possui, e esta fé o Sr. Costeau a possuía no mais alto grau.

“Caro Sr. Costeau, sabeis do vivo interesse que a Sociedade Espírita de Paris tinha por vós; ela lamentará sempre em vós um de seus membros mais assíduos, e é em seu nome, em nome de seu presidente, e em nome de vossa esposa e de vossa irmã inconsoláveis, que vos venho dizer, como nosso amigo Sr. Canu, não um adeus, mas um até logo, num mundo mais feliz. Que possais fruir, nesse onde agora vos achais, da felicidade que mereceis e vir nos estender a mão, quando chegar a nossa vez de nele entrar.

“Caros Espíritos do Srs. Jobard e Sanson, peço que acolhais o nosso colega Costeau e lhe faciliteis o acesso às vossas serenas regiões. Caros Espíritos, orai por ele, orai por nós. Assim seja.”

Após esta alocução, o Sr. d’Ambel pronunciou textualmente a prece pelos que acabam de morrer e que foi dita sobre o túmulo do Sr. Sanson (*Revista Espírita*, maio de 1862.)

O Sr. Vézy, um dos médiuns da Sociedade, cujo nome é conhecido dos nossos leitores pelas belas comunicações de Santo Agostinho, desceu à fossa e o Sr. d’Ambel fez em voz alta a

evocação do Sr. Costeau, que deu pelo Sr. Vézy a comunicação seguinte, cujos assistentes, inclusive os coveiros, ouviram a leitura com a *cabeça descoberta* e com profunda emoção. Realmente, era um espetáculo novo e comovente ouvir as palavras de um morto, colhidas no interior da própria tumba.

“Obrigado, meus amigos, obrigado. Minha sepultura ainda não está fechada e, no entanto, mais um segundo e a terra vai cobrir meus despojos. Mas, vós o sabeis, sob esta poeira minha alma não será enterrada: vai planar no espaço, para subir a Deus!

“Assim, como é consolador poder dizer ainda, malgrado o invólucro partido: “Oh! não, não estou morto! vivo a verdadeira vida, a vida eterna!”

“O enterro do pobre não é seguido por um grande número. Orgulhosas manifestações não ocorrem sobre o seu túmulo; e, contudo, amigos, crede-me, *a multidão imensa não falta aqui* e Espíritos bons seguiram convosco e com essas mulheres piedosas o corpo daquele que aqui está, deitado! Pelo menos todos acreditais e amais o bom Deus!

“Oh! certo que não! nós não morreremos porque o nosso corpo se aniquila, esposa bem-amada! Doravante estarei sempre ao teu lado, para te consolar e te ajudar a suportar a prova. A vida será rude para ti, mas, com a idéia da eternidade e do amor de Deus plenificando o teu coração, como te serão leves os sofrimentos!

“Parentes que amparais minha bem-amada companheira, amai-a, respeitai-a; sede para ela irmãos e irmãs. Não vos esqueçais de que na Terra todos vos deveis assistência, se quiserdes entrar na morada do Senhor.

“E vós, espíritas! irmãos amigos, obrigado por terdes vindo dizer-me adeus até esta morada de pó e de lama; mas sabeis, sabeis perfeitamente que minha alma vive para a imortalidade e que

irá algumas vezes vos pedir preces, que não me serão recusadas, para me ajudar a marchar nesta via magnífica que me abristes durante a vida.

“Adeus a todos que aqui estais; poderemos nos rever noutro lugar que não este túmulo. As almas me chamam ao seu encontro. Adeus! Orai pelos que sofrem. Até mais ver.”

Costeau

Depois de terminadas as últimas formalidades fúnebres, esses senhores foram fazer uma visita, no mesmo cemitério, ao túmulo de *Georges*, esse eminente Espírito que deu, por intermédio da Sra. Costel, as belas comunicações que os leitores muitas vezes têm admirado. Quando vivo o Sr. Georges era cunhado do Sr. d’Ambel. Lá, por intermédio do Sr. Vézy, recolheram as seguintes palavras:

“Embora não vivamos aqui (no local da inumação), gostamos de vir aqui, agradecer as preces que vindes fazer por nós e as flores que espalhais sobre os nossos túmulos.

“Como fizeram bem criando esse lugar de repouso e de prece! as almas podem conversar mais à vontade e melhor extravasam, nesses arroubos íntimos, os sentimentos que as animam: uma junto a um túmulo, a outra planando acima!

“Acabais de dizer adeus a um dos vossos amigos; agradeço por me não terdes esquecido. Eu estava convosco naquela multidão de Espíritos que se comprimiam junto ao túmulo que acabava de abrir-se e me sentia feliz ao ler em vossos corações a convicção e a fé. Misturei às vossas as minhas preces, e os Espíritos bem-aventurados as fizeram subir até Deus!

“A fé espírita, meus bons amigos, dará a volta ao mundo e acabará tornando sábios os loucos; penetrará até o

coração dos padres, que vistes há pouco sorrindo e vos causaram realmente uma dor... (alusão à maneira pela qual se realizou a cerimônia religiosa). O escândalo que fizeram sangrou os vossos corações, mas superastes a indignação pensando no bem que íeis espalhar na alma do vosso amigo. Ela está aqui, perto de mim e pede que vos agradeça em seu nome.

“Já vos disseram: o túmulo é a vida. Vinde algumas vezes à sombra do salgueiro, ao pé da cruz mortuária; em meio do silêncio, da calma, ouvireis uma harmonia divina; em meio às brisas escutareis os concertos de nossas almas, cantando Deus... a eternidade... depois alguns de nós se destacarão dos coros sagrados para vir instruir-vos sobre os vossos destinos. Aquilo que, até hoje, constituiu-se num mistério para vós, se desvendará pouco a pouco aos vossos olhos e podereis compreender o vosso começo e as vossas grandezas futuras.

“Marcai, pois, encontros aqui, vós que aspirais à sabedoria; aqui lereis as páginas da eternidade e o livro da vida estará sempre aberto para vós. Neste lugar calmo e de paz a voz do Espírito parece fazer-se ouvir melhor ao que quer instruir-se; toma proporções mágicas e sonoras e seus acentos penetram mais aquele sobre o qual ela quer agir.

“Trabalhai com zelo e fervor para a propaganda da idéia nova; eu vos ajudarei sem cessar; e se a tranquilidade da tumba amedrontar alguns, que saibam que os Espíritos bons se sentem felizes instruindo por toda parte.

“Adeus e obrigado! Como gostaria de poder comunicar ao mundo inteiro a fé de que estais repletos! mas, em verdade vos digo, o Espiritismo é a alavanca com a qual Arquimedes levantará o mundo!

“Algumas palavras a vós, meu irmão, particularmente, já que se apresenta a ocasião. Dizei à minha irmã que ame sempre

os deveres impostos por Deus, por mais pesados que sejam; dissei-lhe que ame a nossa mãe e me substitua junto a ela; dissei-lhe que vele por minha filha, sorria para o céu e encontre perfumes em todas as flores da Terra... A vós, meu irmão, aperto as duas mãos.”

Georges

De tudo isto resulta um duplo ensinamento. Poderia causar admiração que um Espírito tão vizinho da época da morte tenha podido exprimir-se com tanta lucidez; mas devemos lembrar que o Sr. Sanson foi evocado na câmara mortuária, antes de ser levado o corpo, e que deu, na ocasião, a bela comunicação que apareceu na *Revista*. Sua perturbação não durara senão algumas horas e, aliás, sabemos que o desprendimento é rápido nos Espíritos moralmente adiantados.

Por outro lado, por que o Sr. Vézy desceu à cova? Havia utilidade ou se tratava de simples encenação? Afastemos logo o segundo motivo, pois os espíritas sérios agem seriamente e religiosamente e não se prestam a exhibições; em tal momento teria sido uma profanação. Certamente a utilidade não era absoluta; aí é preciso ver um testemunho mais especial de simpatia, talvez em razão de o morto estar na vala comum. Aliás, sabe-se que o acesso a essas valas é mais fácil que o acesso às covas particulares, cuja entrada é estreita e o Sr. Vézy ali se achava mais comodamente para escrever.

Isto, entretanto, poderia ter sua razão de ser de um outro ponto de vista que, provavelmente, não veio à mente do Sr. Vézy. Sabe-se que a evocação facilita o desprendimento do Espírito e pode abreviar a duração da perturbação. Sabe-se, igualmente, que os laços que unem o Espírito ao corpo nem sempre são completamente partidos após a morte. Eis um notável exemplo:

Um rapaz tinha morrido acidentalmente de maneira muito infeliz. Sua vida tinha sido a de muitos jovens ricos,

desocupados, isto é, muito material. Comunicou-se espontaneamente por um médium de nosso conhecimento, que o tinha conhecido em vida, pedindo que o fossem evocar e orassem *em sua tumba*, para ajudar a romper os laços que o retinham ao corpo, do qual não conseguia desembaraçar-se. Evidentemente deve haver no caso uma ação magnética facilitada pela proximidade do corpo e aí talvez esteja uma causa que leva os amigos dos defuntos, instintivamente, a ir orar no local onde repousam seus corpos.

Inauguração do Retiro de Cempuis

Já falamos do retiro de Cempuis, perto de Grandvilliers, no Departamento do Oise, fundado pelo Sr. Prévost, membro da Sociedade Espírita de Paris. A construção está hoje terminada, bem como as instalações internas. Contíguo ao estabelecimento, embora formando uma construção isolada, há uma capela em estilo gótico, de aspecto monumental. A inauguração da capela ocorreu domingo, 19 de julho último, dia de São Vicente de Paulo, a quem é dedicada, numa cerimônia inteiramente consagrada à caridade, isto é, por uma distribuição de pão, vinho e carne aos pobres da paróquia. O Sr. Prévost pronunciou a respeito o discurso seguinte, que temos a satisfação de reproduzir:

“Senhores,

“Conheceis o motivo desta reunião; assim, não me estenderei sobre detalhes inúteis e que nada revelariam que já não saibais. A obra material está hoje praticamente realizada, graças à evidente proteção do Todo-Poderoso, que se dignou secundar os meus esforços. Estamos aqui em família, todos, e não o duvido, animados dos mesmos sentimentos por sua divina bondade. Unamo-nos, pois, num mesmo impulso de gratidão; oremos a ele, para que continue a nos assistir e a nos dar as luzes que nos faltam.

“Deus do Céu e da Terra, soberano senhor de todas as coisas, tem piedade de nossa fraqueza; eleva nossos corações para ti, a fim de que aprendamos a cumprir nossos deveres segundo tua vontade e para que todas as nossas ações estejam em consonância com a tua lei universal. Senhor, faze que nossa alma se encha de teu amor; que ela se deixe cativar pelo fogo sagrado da convicção e que prove sua fé por atos de verdadeira caridade. Todas as palavras, por melhores que sejam, se não forem seguidas de efeitos de benevolência para com as tuas criaturas, assemelham-se a uma bela árvore sem frutos.

“Ajuda-nos, pois, ó Poder Infinito, a superar os obstáculos que poderiam erguer-se ante os nossos passos e entrar o desejo de nos tornarmos úteis na missão para a qual nos escolheste; dá-nos a força necessária para a realizarmos com amor e sinceridade.

“Os bons socorros dados à velhice te são agradáveis, meu Deus, porque são atos de justiça; ela nos precedeu no caminho; o sulco que abriu foi regado com seu suor e nós lhe recolhemos os frutos. Hoje sua experiência é um campo já ceifado, mas onde ainda temos o que colher; é, pois, justo que recompensemos o seu sacrifício, assegurando-lhe o repouso após o trabalho. É um dever para nós, pois gostaríamos que o mesmo fosse feito conosco; mas para o realizar dignamente é-nos necessária a tua assistência, pois temos consciência da nossa fraqueza.

“É também em teu nome, Senhor, que aqui o órfão encontrará uma nova família; a criança abandonada crescerá entre nós ao suave calor do fogo divino com que favoreceste São Vicente de Paulo, a quem rogamos nos assistir, para que possamos realizar este ato mirados no seu exemplo.

“Espírito infinito, tudo está em ti, tudo é por ti, nada está fora de ti; os castigos, como as recompensas, nos vêm de tua

mão abençoada; conheces as nossas necessidades, somos teus filhos e nos entregamos à tua divina Providência.

“Os Espíritos bons que, sob o teu olhar paternal, presidem aos destinos da Terra, os anjos de guarda dos homens, mereceram tua confiança, Senhor; esperamos que, por ti, eles nos ajudem a conservar intacto o sublime código moral promulgado pelo Cristo, teu filho bem-amado. – Amai a Deus, disse-nos ele do alto da cruz, há dezoito séculos; amai-vos uns aos outros; amai o próximo como a vós mesmos; praticai a caridade para com todos e em todas as coisas. Eis a sua lei, Senhor, e essa lei é a tua; possa ela gravar-se em nossos corações e nos fazer ver irmãos em todos os nossos semelhantes, que, como nós, são teus filhos. Assim seja.”

“Meus amigos, meus irmãos, sigamos este grande exemplo, e tenhamos uma sincera fé em Deus; ele nos ajudará a suportar as conseqüências da má direção que o esquecimento dos deveres imprimiu à sociedade, em tempos já distantes de nós. Hoje muitas coisas entram na ordem prescrita pelo Criador; apesar do egoísmo que ainda domina um grande número, o amor fraterno é mais bem compreendido; os preconceitos de castas, de seitas e de nacionalidades se apagam pouco a pouco; a tolerância, uma das filhas da caridade evangélica, pouco a pouco faz desaparecerem os antagonismos que, por tanto tempo, têm dividido os filhos de um mesmo Deus; os sentimentos humanitários infiltram-se no coração das massas e já realizaram grandes coisas em diversos pontos da Terra. Na França, numerosas fábricas desativadas experimentaram recentemente os suaves efeitos deste amor do próximo. Esse arroubo para o sofrimento fala bem alto em favor de nosso país; é preciso ver aí a mão de Deus. É com alegria que vemos a primeira nação do mundo civilizado levar até as plagas mais longínquas os frutos desse amor da Humanidade, que só a verdadeira grandeza dá e que colheu no centro radiante da cruz, ajudada pelo luz do progresso, que obriga o homem a ser melhor para com o seu semelhante e a tornar-se melhor ele próprio.

“Espero, meus amigos, com o concurso de homens instruídos e benevolentes, formar depois uma biblioteca moral e instrutiva, anexa a este estabelecimento, onde cada um pode haurir os meios de se melhorar, tanto em relação ao espírito, quanto em relação ao coração.

“Agradeço-vos com toda sinceridade a todos vós, que acorrestes ao meu apelo, vindo oferecer, em comum, ações de graça à Divindade, em reconhecimento à inspiração por ela dada à fundação desta instituição.

“A partir de hoje, 19 de julho de 1863, esta capela, dedicada a São Vicente de Paulo, cuja suave e imortal imagem retrata em seus vitrais, lhe é publicamente consagrada por seu fundador, que, doravante, quer que ela seja considerada um lugar santo, um lugar de prece. Aqui Deus deve ser adorado e, perante o símbolo de seu amor pelos homens, ante essa venerável e grande figura do apóstolo da caridade cristã, devemos nos compenetrar de que o amor do próximo deve ser praticado por atos e deve estar no coração, e não nos lábios.

“Antes de nos separarmos, vamos repetir a oração dominical.

“Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia dai-nos hoje. Perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Assim seja.”

Naquela ocasião o Sr. Prévost houve por bem remeter-nos, pessoalmente, a soma de 200 fr. para obras de beneficência, cujo emprego, infelizmente, não é difícil de encontrar.

A propósito do discurso acima, a Sociedade Espírita de Paris votou por unanimidade e por aclamação, a seguinte carta, que lhe foi dirigida:

“Senhor e mui caro colega,

“A Sociedade Espírita de Paris, da qual fazeis parte, ouviu com o mais vivo interesse a leitura do discurso que pronunciastes na inauguração da capela do retiro que fundastes em vossa propriedade de Cempuis. Tal discurso é a expressão dos nobres sentimentos que vos animam; é digno daquele que faz tão bom uso da fortuna adquirida pelo trabalho, e que não espera, para torná-la proveitosa aos infelizes, que a morte lha tenha tornado inútil, porque é em vida que vos impondes privações para fazer maior a vossa parte. A Sociedade sente-se honrada em contar entre os seus membros um adepto que faz uma aplicação tão cristã dos princípios da Doutrina Espírita; e decidiu, por unanimidade, vos transmitir oficialmente a expressão de sua viva e fraterna simpatia pela obra humanitária que empreendestes, e por vossa pessoa em particular.

“Recebei, etc.”

A fortuna do Sr. Prévost é inteiramente fruto de suas obras, o que lhe aumenta o mérito. Depois de ter sofrido o contragolpe das revoluções que lhe fizeram perder dinheiro, recuperou a fortuna por sua coragem e perseverança. Hoje, que chegou à idade do repouso, que poderia largamente dar-se ao luxo e aos prazeres da vida, contenta-se com o estritamente necessário e, ao contrário de muitos outros, não espera não precisar de mais nada para que seus irmãos em Jesus Cristo participem do seu supérfluo. Assim sua recompensa será bela e ele desfruta as primícias pelo prazer proporcionado pelo bem que faz.

Não obstante, aos olhos de certa gente o Sr. Prévost tem um grande defeito: ser espírita e professar a doutrina do

demônio. Seu discurso, porém, não é o de um ateu, nem mesmo de um deísta, mas de um cristão; sua própria moderação é uma prova de caridade, pois se absteve de maldizer o próximo e mesmo de fazer alusão aos que lhe impunham condições que a sua consciência não permitia aceitar.

Benfeitores Anônimos

O fato seguinte foi relatado pela *Patrie* do mês de abril último:

“O proprietário de uma casa na Rua du Cherche-Midi tinha permitido anteontem que o inquilino se mudasse sem saldar a conta, mediante reconhecimento da dívida. Mas enquanto carregavam os móveis o proprietário mudou de idéia e quis ser pago antes da retirada da mobília. O locatário se desesperava, sua esposa chorava e dois filhos em tenra idade imitavam a mãe. Um cavalheiro, condecorado com a Legião de Honra, passava no momento por aquela rua. Parou. Tocado por esse espetáculo desolador, aproximou-se do infeliz devedor e, tendo-se informado da quantia devida pelo aluguel, entregou-lhe duas cédulas e desapareceu, acompanhado pelas bênçãos daquela família, que salvava do desespero.”

No mês de julho, o jornal *L'Opinion du Midi*, de Nîmes, relatava outro caso do mesmo gênero:

“Acaba de passar-se um fato tão estranho, pelo mistério com que se realizou, quão tocante por seu objetivo e pela delicadeza do procedimento do seu autor.

“Há três dias anunciamos que um violento incêndio tinha consumido quase completamente a loja e as oficinas do Sr. Marteau, marceneiro em Nîmes. Contamos a dor desse infeliz em

presença de um sinistro que consumava sua ruína, pois o seguro que fizera era infinitamente inferior ao valor das mercadorias destruídas.

“Soubemos hoje que três carretas, contendo madeira de diversas qualidades e instrumentos de trabalho, foram levadas à frente da casa do Sr. Marteau e descarregadas em suas oficinas, semidevoradas pelas chamas.

“O responsável pela condução das carretas respondeu às interpelações de que era objeto, alegando a ignorância em que se achava, relativamente ao nome do doador, cuja vontade executava. Sustentou não conhecer a pessoa que o havia comissionado para transportar a madeira e as ferramentas à casa do Sr. Marteau, e nada saber fora dessa comissão. Retirou-se após ter descarregado as três viaturas.

“A alegria e a felicidade substituíram no Sr. Marteau o abatimento de que era impossível tirá-lo desde o dia do incêndio.

“Que o generoso desconhecido, que tão nobremente veio em socorro de um infortúnio que, sem ele, talvez tivesse sido irreparável, receba aqui os agradecimentos e as bênçãos de uma família que, desde hoje, lhe deve as mais doces consolações e, talvez, logo venha a lhe dever a prosperidade.”

O coração se tranqüiliza quando lemos fatos semelhantes que, de vez em quando, vêm fazer a contrapartida dos relatos de crimes e torpezas que os jornais estampam em suas colunas. Fatos como os acima relatados provam que a virtude não está inteiramente banida da Terra, como pensam certos pessimistas. Sem dúvida nela o mal ainda domina, mas quando se procura na sombra, percebe-se que, sob a erva daninha, há mais violetas, isto é, maior número de almas boas do que se pensa. Se elas surgem a intervalos tão espaçados, é que a verdadeira virtude não se põe em evidência, porque é humilde; contenta-se com os prazeres do

coração e a aprovação da consciência, ao passo que o vício se manifesta afrontosamente, em plena luz; faz barulho, porque é orgulhoso. O orgulho e a humildade são os dois pólos do coração humano: um atrai todo o bem; o outro, todo o mal; um tem calma; o outro, tempestade; a consciência é a bússola que indica a rota conducente a cada um deles.

O benfeitor anônimo, do mesmo modo que o que não espera a morte para dar aos que nada têm, é, incontestavelmente, o tipo do homem de bem por excelência; é a personificação da virtude modesta, aquela que não busca os aplausos dos homens. Fazer o bem sem ostentação é um sinal incontestável de grande superioridade moral, porque é preciso uma fé viva em Deus e no futuro, um alheamento da vida presente e uma identificação com a vida futura para esperar a aprovação de Deus, bem como renunciar à satisfação proporcionada pelo testemunho atual dos homens. O favorecido abençoa de coração a mão generosa e desconhecida que o socorreu, e essa bênção sobe ao céu muito mais que os aplausos da multidão. Aquele que leva em maior conta o sufrágio dos homens do que a aprovação de Deus mostra ter mais fé nos homens do que em Deus e que a vida presente tem mais valor que a vida futura. Se disser o contrário, age como se não acreditasse no que diz. Entre estes, quantos não fazem um favor senão com a esperança de que o favorecido venha proclamar o benefício do alto dos telhados! que em plena luz dão uma grande soma, mas na obscuridade não dariam uma simples moeda! Eis por que disse Jesus: “Os que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa.” Com efeito, àquele que busca a sua glorificação na Terra, Deus nada deve; só lhe resta receber o preço de seu orgulho.

Que relação tem isto com o Espiritismo? talvez perguntem certos críticos; quantos casos mais divertidos não contareis do que esta moral *enfadonha*? (*Jugement de la morale spirite*, do Sr. Figuier, IV vol., pág. 369). Tem relação à medida que o

Espiritismo, dando fé inabalável na bondade de Deus e na vida futura, graças a ele os homens que fizerem o bem pelo bem serão menos raros do que o são hoje; os jornais terão menos crimes e suicídios a registrar e mais atos da natureza dos que deram lugar a estas reflexões.

Espíritos Visitantes

FRANÇOIS FRANCKOWSKI

Certas pessoas imaginam que os Espíritos não vêm senão ao apelo que se lhes faz. É um erro do qual não comungam os que conhecem o Espiritismo, pois sabem que muitas vezes eles se apresentam espontaneamente, sem serem chamados, o que nos levou a dizer que mesmo que se proibisse a evocação dos Espíritos, não se poderia impedir que eles viessem. Mas, dirão, eles vêm porque praticais a mediunidade e porque chamais outros; se vos abstivésseis, não viriam. É outro grave erro e os fatos estão aí para provar quantas vezes os Espíritos se manifestaram pela visão, pela audição ou outra maneira qualquer, a pessoas que jamais tinham ouvido falar de Espiritismo. Não é, pois, contra os médiuns que se deveria lançar um mandado de interdição, mas contra os Espíritos, para que não se comuniquem, nem mesmo com a permissão de Deus.

Essas comunicações espontâneas têm um interesse muito mais surpreendente quando emanam de Espíritos que não são esperados nem conhecidos, e cuja identidade pode ser verificada mais tarde. Citamos um exemplo notável na história de Simon Louvet, contada na *Revista* de março de 1863. Eis outro fato não menos instrutivo, obtido por um médium de nosso conhecimento.

Apresenta-se um Espírito sob o nome de *François Franckowski* e dita o seguinte:

“O amor de Deus é o sentimento que resume todos os amores, todas as abnegações. O amor da pátria é um raio desse sublime sentimento. Pobre país meu! infeliz Polônia! quantas desgraças vieram abater-se sobre ti! quão terríveis são os crimes dos que se julgam civilizados e como serão castigados os infelizes que querem entravar a liberdade! Ó Deus! lança um olhar sobre este desgraçado país e faz graça aos que, inteiramente voltados à vingança, não pensam que tu os punirás do outro lado da vida. A Polônia é uma terra abençoada, porque dá origem a grandes devotamentos e nenhum de seus filhos é covarde. Deus ama os que esquecem de si mesmos para o bem de todos. É em recompensa do devotamento dos poloneses que ele fará a graça e seu jugo será quebrado. Morri vítima de nossos opressores, execrados por todos os nossos. Eu era jovem, tinha vinte e quatro anos; minha pobre mãe está morrendo de dor, por ter perdido tudo o que amava neste mundo: seu filho. Eu vos suplico, orai por ela, para que esqueça e perdoe o meu carrasco, pois sem esse perdão ela estará para sempre separada de mim... Pobre mãe! eu a revi apenas na manhã de minha morte e era tão horrível nos sentirmos separados!... Deus teve piedade de mim: eu não a abandono desde que pude me libertar do resto de vitalidade que ligava meu Espírito a meu corpo... Venho a vós porque sei que orareis por *ela*; ela que é tão boa, geralmente tão resignada e, no entanto, tão revoltada contra Deus desde que não estou mais lá!... É preciso que ela perdoe. Orai para que esse sublime perdão de uma mãe ao carrasco de seu filho venha acabar uma vida tão gloriosamente começada. Adeus! Orareis, pois não?”

François Franckowski

O médium jamais tinha ouvido falar de tal pessoa e julgava que talvez tivesse sido alvo de uma mistificação, quando, alguns dias depois, recebeu diversas peças de linho que tinha encomendado, enroladas num pedaço do *Petit Journal* de 7 de julho último. Maquinalmente o percorreu e, sob a rubrica de *Exécutions capitais*, leu um artigo que começava assim:

“Encontramos curiosos detalhes sobre a execução de um jovem polonês, prisioneiro dos russos. Franckowsky era um rapaz de vinte e quatro anos. Ainda tem pais, que, inclusive tinham recebido licença para o visitar na prisão. Como não tinha sido pego de armas na mão, foi condenado à força pelo conselho de guerra. Assisti à execução e não posso pensar sem emoção nesse acontecimento terrível...”

Segue-se o relato detalhado da execução e dos últimos momentos da vítima, morta com a coragem do heroísmo.

Aos que negam as manifestações – e seu número diminui a cada dia – aos que atribuem as comunicações mediúnicas à imaginação, ao reflexo do pensamento, mesmo inconsciente, perguntamos donde podia vir ao médium a intuição do nome de Franckowsky, a idade de vinte e quatro anos, a mãe vindo ver o filho na prisão, do fato, numa palavra, que desconhecia de modo absoluto e do qual até duvidava, e cuja confirmação foi encontrar num pedaço de jornal que enrolava um pacote? E que o fragmento de jornal fosse exatamente o que contém o relato? Direis: “Sim, foi o acaso.” Que o seja, para vós, que não vedes em tudo senão o acaso; mas, e o resto?

Aos que pretendam proibir as comunicações sob o pretexto de que procedem do diabo, ou qualquer outro, perguntamos se existe algo de mais belo, mais nobre, mais evangélico que a alma desse filho que perdoa ao seu carrasco, que suplica à sua mãe que também o perdoe, que dá esse perdão como condição de salvação! E por que vem ele a esse médium, que não conhecia, mas a quem, mais tarde, dá irresistível prova de identidade? Para lhe pedir que ore, a fim de que sua mãe perdoe. E dizeis que isto é linguagem do demônio? Ah! como seria bom se todos os que falassem em nome de Deus o fizessem do mesmo modo! Tocariam mais corações do que com anátemas e maldições.

Proibição de Evocar os Mortos

Alguns membros da Igreja apóiam-se na proibição de Moisés para proscrever as comunicações com os Espíritos; mas se sua lei deve ser rigorosamente observada neste ponto, deve sê-lo igualmente sobre os demais. Por que seria boa em relação às evocações e má em outras partes? É preciso ser conseqüente; se, para certas coisas, reconhece-se que sua lei já não se harmoniza com os nossos costumes e a nossa época, não há razão para que não se dê o mesmo com a proibição das evocações. Aliás, é necessário nos reportarmos aos motivos que os levaram a fazer tal proibição, motivos que, então, tinham uma razão de ser, mas que, seguramente, hoje não mais subsistem. Quanto à pena de morte infringida a quem desrespeitasse essa proibição, forçoso é reconhecer que nisto Moisés era muito pródigo e que, na sua legislação draconiana, a severidade do castigo nem sempre era um indício da gravidade da falta. O povo hebreu era turbulento, difícil de conduzir e não podia ser domado senão pelo terror. Por outro lado, Moisés não tinha grande escolha nos seus meios de repressão; não dispunha de prisões, nem de casas de correção e seu povo não era passível de sofrer o medo de penas puramente morais; assim, ele não podia graduar sua penalidade como se faz nos nossos dias. Ora, por respeito à sua lei, seria preciso manter a pena de morte para todos os casos em que a aplicava? Aliás, por que ressuscitam esse artigo com tanta insistência, enquanto guardam silêncio sobre o começo do capítulo que proíbe aos sacerdotes a posse dos bens da Terra e de ter parte em qualquer herança, porque o próprio Senhor é a sua herança? (Deuteronomio, cap. XVIII).

Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo; uma é invariável, a outra se modifica com o tempo.

A ninguém pode vir à mente que possamos ser governados pelos mesmos meios que os hebreus no deserto, assim como a legislação da Idade Média não poderia aplicar-se à França do século dezanove. Quem pensaria, por exemplo, em ressuscitar hoje este artigo da lei mosaica: “Se um boi fere com o chifre a um homem ou a uma mulher, e a pessoa morrer, o boi será lapidado sem remissão, ninguém comerá sua carne e seu dono será absolvido.” Ora, que diz Deus em seus mandamentos? “Não terás outro Deus senão eu; não tomarás o nome de Deus em vão; honra teu pai e tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás os bens de teu próximo.” Eis uma lei que é de todos os tempos e de todos os países, e que, por isto mesmo, tem caráter divino; mas não trata da proibição de evocar os mortos, donde forçoso é concluir que tal proibição era simples medida disciplinar e circunstancial.

Mas Jesus não veio modificar a lei mosaica, e sua lei não é o código dos cristãos? Não disse ele: “Ouvistes o que foi dito aos Antigos tal ou qual coisa; eu, porém, vos digo outra coisa?” Ora, em parte alguma do Evangelho se faz menção da proibição de evocar os mortos; é um ponto muito grave para que o Cristo o tivesse omitido em suas instruções, embora tenha tratado de questões de ordem bem mais secundária. Ou se deve pensar, como um eclesiástico a quem tal objeção foi feita, que “Jesus se esqueceu de falar nisso?”

Como o pretexto da proibição de Moisés é inadmissível, eles se apóiam na desculpa de que a evocação é uma falta de respeito aos mortos, cujas cinzas não devem ser perturbadas. Quando essa evocação é feita religiosamente e com recolhimento, não se pode falar em desrespeito; mas há uma resposta peremptória a dar a tal objeção: é que os Espíritos vêm de boa vontade quando chamados e, mesmo, espontaneamente, sem serem chamados; manifestam satisfação por se comunicarem com os homens e freqüentemente se queixam do esquecimento em que

por vezes são deixados. Se fossem perturbados em sua quietude ou ficassem descontentes com o nosso apelo, eles o diriam ou não viriam. Se vêm, é porque isto lhes convém, pois não sabemos de ninguém que tenha o poder de constranger os Espíritos, seres impalpáveis, a se incomodarem, caso não o queiram, já que não os podemos prender ao corpo.

Alegam outra razão: as almas, dizem, estão no inferno ou no paraíso. As que estão no inferno dali não podem sair; as que estão no paraíso conservam-se em inteira beatitude e muito acima dos mortais para se ocuparem com eles. Resta as que estão no purgatório; mas estas são sofredoras e devem pensar antes de tudo em sua salvação. Portanto, se nenhuma delas pode vir, somente o diabo vem em seu lugar. No primeiro caso seria muito racional supor que o demônio, autor e instigador da primeira revolta contra Deus, em perpétua rebelião e não experimentando arrependimento nem pesar pelo que faz, fosse mais rigorosamente punido do que as pobres almas por ele arrastadas ao mal e que, muitas vezes, são apenas culpadas de uma falta temporária que lhes causam amargos remorsos. Longe disso: é exatamente o contrário que acontece. Essas almas infelizes são condenadas a sofrimentos atrozes, sem trégua nem mercê por toda a eternidade, sem um só instante de alívio e, durante esse tempo, o diabo, autor de todo o mal, goza de plena liberdade, corre o mundo recrutando vítimas, toma todas as formas, se permite todas as alegrias, faz traquinices, diverte-se até mesmo em interromper o curso das leis de Deus, já que pode fazer milagres. Na verdade, restaria às almas culpadas invejar a sorte do diabo. E Deus o deixa agir, sem nada dizer, sem lhe opor nenhum freio, sem permitir aos Espíritos bons que ao menos venham contrabalançar suas ações criminosas! De boa-fé, isto é lógico? e os que professam tal doutrina podem jurar, com a mão na consciência, que a poriam no fogo para sustentar que é a verdade?

O segundo caso também levanta uma dificuldade muito grande. Se as almas que estão na beatitude não podem deixar sua

venturosa morada para vir socorrer os mortais – o que, diga-se de passagem, seria uma felicidade muito egoísta – por que invoca a Igreja a assistência dos santos, que devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que diz ela aos fiéis que os invoquem nas doenças, nas aflições e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a própria Virgem, vêm mostrar-se aos homens e fazer milagres? Então eles deixam o Céu para vir à Terra? Se o podem deixar, por que outros não o poderiam?

Como os motivos alegados para justificar a proibição de se comunicar com os Espíritos não suportam um exame sério, é preciso que haja outro, não confessado. Este motivo bem poderia ser o temor de que os Espíritos, muito clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre certos pontos e lhes dar a conhecer exatamente como se passam as coisas no outro mundo e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz. Eis por que se diz a uma criança: “Não vá lá; existe um lobisomem”; e se diz aos homens: “Não chameis os Espíritos; são diabos.” Providência inútil, porquanto, mesmo que se proíba os homens de chamar os Espíritos, não se impedirá que os Espíritos venham aos homens, tirar a lâmpada de debaixo do alqueire.

Dissertações Espíritas

É PERMITIDO EVOCAR OS MORTOS, JÁ QUE MOISÉS O PROIBIU?

(Bordeaux – Médium: Sra. Collignon)

Nota – Esta comunicação foi dada num grupo espírita de Bordeaux, em resposta à pergunta acima. Antes de a conhecer, tínhamos feito o artigo precedente, sobre o mesmo assunto. A despeito disto, nós a publicamos, precisamente por causa da concordância das idéias. Muitas outras, em diversos lugares, foram obtidas no mesmo sentido, o que prova a concordância dos Espíritos a este respeito. Esta objeção cairá por si mesma, visto não ser mais sustentável do que as demais que se opõem às relações com os Espíritos.

Será o homem tão perfeito que julgue inútil medir suas forças? e sua inteligência tão desenvolvida que possa suportar toda a luz?

Quando Moisés trouxe aos hebreus uma lei que os pudesse tirar do estado de escravidão em que viviam e neles reavivar a lembrança de Deus, que haviam esquecido, viu-se obrigado a lhes graduar a luz de acordo com a sua vista, e a ciência conforme sua capacidade de entendimento.

Por que também não perguntais: Por que Jesus se permitiu refazer a lei? Por que disse: “Moisés vos disse: Olho por olho, dente por dente; eu, porém, vos digo: Fazei o bem aos que vós querem mal; bendizei os que vos amaldiçoam, perdoai os que vos perseguem?”

Por que disse Jesus: “Moisés disse: Aquele que quiser deixar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: Não separeis o que Deus uniu?”

Por quê? É que Jesus falava a Espíritos mais adiantados do que na encarnação em que se encontravam ao tempo de Moisés. É que é preciso adaptar a lição à inteligência do aluno. É que vós, que perguntais, que duvidais, ainda não chegastes ao ponto em que deveis estar e ainda não sabeis o que sereis um dia.

Por quê? Então perguntai a Deus por que criou a erva do campo, da qual o homem civilizado da Terra chegou a fazer seu alimento? por que fez árvores que só deveriam crescer em certos climas, em certas latitudes e que o homem conseguiu aclimatar por toda parte?

Moisés disse aos hebreus: “*Não evoqueis os mortos!*” como se diz às crianças: “*Não toqueis no fogo!*”

Não foi a evocação entre os egípcios, os caldeus, os moabitas e todos os povos da antiguidade que, pouco a pouco, tinha degenerado em idolatria? Eles não tiveram força de suportar a ciência e se queimaram; mas quis o Senhor preservar alguns homens, a fim de que pudessem servir e perpetuar seu nome e sua fé.

Os homens eram pervertidos e predispostos às evocações perigosos. Moisés preveniu o mal. O progresso deveria ser feito entre os Espíritos, como entre os homens; mas a evocação ficou conhecida e praticada pelos príncipes da Igreja. A vaidade e o orgulho são tão velhos quanto a Humanidade; assim, os chefes da sinagoga usavam a evocação e, muitas vezes, a usavam mal; por isso, muitas vezes se abateu sobre eles a cólera do Senhor.

Eis por que disse Moisés: “Não evocai os mortos.” Mas a própria proibição provava que a evocação era usual entre o povo e era ao povo que ele a proibia.

Deixai, pois, falar, os que perguntam por quê? Abri-lhes a história do globo, que cobrem com seus passos miúdos, e perguntai-lhes por que, depois de tantos séculos acumulados, patinam tanto e avançam tão pouco? É que sua inteligência não está bastante desenvolvida; é que a rotina os constringe; é que querem fechar os olhos, apesar dos esforços feitos para lhes abrir.

Perguntai-lhes por que Deus é Deus? Por que o Sol os ilumina?

Que estudem, que busquem, e na história da antiguidade verão por que Deus quis que tal conhecimento em parte desaparecesse, a fim de renascer com mais brilho, na época em que os Espíritos encarregados de o trazer tivessem mais força e não falhassem sob o seu peso.

Não vos inquieteis, meus amigos, com perguntas ociosas e objeções sem motivo que vos fazem. Fazei sempre o que acabais de fazer: perguntai e responderemos com prazer. A ciência é de quem a busca e surge para se mostrar a quem a procura. A luz ilumina os que abrem os olhos, mas as trevas se condensam para os que os querem fechar. Não é aos que perguntam que se deve recusar, mas aos que fazem objeções com o único objetivo de extinguir a luz ou porque não ousam encará-la. Coragem, meus amigos, estamos prontos para vos responder todas as vezes que isto se tornar necessário.

Simeão, por Mathieu

OS FALSOS DEVOTOS

(Reunião particular, 10 de março de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

Minha lembrança acaba de ser evocada por meu retrato e meus versos. Duas vezes tocada em minha vaidade feminina e em meu amor-próprio, venho agradecer a vossa benevolência, esboçando em largos traços a silhueta dos falsos devotos, que são para a religião o que é para a sociedade a mulher pseudo-honesta. O assunto entra no âmbito de meus estudos literários, do qual *Lady Tartufe* exprimia uma nuance.

Os falsos devotos se consagram às aparências e traem a verdade; têm o coração seco e os olhos úmidos, a bolsa fechada e a mão aberta; falam de bom grado ao próximo, criticando-lhe as ações de maneira afetada, isto é, exagerando o mal e subestimando o mérito. Muito voltados à conquista dos bens materiais ou mundanos, agarram-se a tesouros imaginários, que a morte dispersa, e negligenciam os verdadeiros bens, que servem ao fim do homem e são a riqueza da eternidade. Os hipócritas da devoção são os répteis da natureza moral; vis, baixos, evitam as faltas castigadas pela vindita pública e na sombra cometem atos sinistros. Quantas famílias desunidas, espoliadas! quantas confianças traídas! quantas lágrimas e, mesmo, quanto sangue!...

A comédia é o inverso da tragédia. Atrás do celerado marcha o bufão, e os falsos devotos têm por acólitos seres ineptos, que só agem por imitação: à maneira dos espelhos, refletem a fisionomia de seus vizinhos. Tomam-se a sério, enganam-se a si próprios, a timidez os faz zombar daquilo em que não acreditam, exaltam o que duvidam, comungam com ostentação e acendem às escondidas pequenas velas, às quais atribuem muito mais virtude do que à santa hóstia.

Os falsos devotos são os verdadeiros ateus da virtude, da esperança, da Natureza e de Deus; negam o verdadeiro e afirmam o falso. A morte, todavia, os levará lambuzados de cosméticos e cobertos de ouropéis, que os disfarçam, e os lançará ofegantes em plena luz.

Delphine de Girardin

LONGEVIDADE DOS PATRIARCAS

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862 – Médiun: Sr. A. Didier)

Que vos importa a idade dos patriarcas em geral, e a de Matusalém em particular? A Natureza, sabeí-o bem, jamais teve contra-senso e irregularidades; e se a máquina humana algumas vezes variou, jamais rechaçou por tanto tempo a destruição material: a morte. Como já vos disse, a Bíblia é um magnífico poema oriental, onde as paixões humanas são divinizadas, como as paixões que os gregos idealizavam, a exemplo das grandes colônias da Ásia Menor. Não há razão para associar concisão com a ênfase, clareza com difusão, a frieza do raciocínio e da lógica moderna com a exaltação oriental. Os querubins da Bíblia tinham seis asas, como o sabeis: quase monstros! O Deus dos judeus banhava-se em sangue; sabeis e quereis que os vossos anjos sejam os mesmos anjos e que o vosso Deus, soberanamente justo e bom, seja o mesmo Deus? Não alieis, pois, vossa análise poética moderna com a poesia mentirosa dos antigos judeus ou pagãos. A idade dos patriarcas é

uma figura moral, e não uma realidade; a autoridade, a lembrança desses grandes nomes, desses verdadeiros pastores de povos, enriquecidos de mistérios e de lendas que faziam irradiar em torno deles, existiam entre esses nômades supersticiosos e idólatras das lembranças. É provável que Musalém tenha vivido muito tempo no coração de seus descendentes. Notai que na poesia oriental toda idéia moral é incorporada, encarnada, revestida de uma forma brilhante, radiante, esplêndida, contrariamente à poesia moderna, que desencarna, que rompe o envoltório para deixar escapar a idéia até o céu. A poesia moderna não só é expressa pelo brilho e pela cor da imagem, mas, também, pelo desenho firme e correto da lógica, numa palavra, pela idéia. Como quereis associar esses dois grandes princípios tão contrários? Quando lerdes a Bíblia sob as luzes do Oriente, em meio às imagens douradas, aos horizontes intermináveis e difusos dos desertos, das estepes, fazei correr a eletricidade que atravessa todos os abismos, todas as trevas, isto é, servi-vos da vossa razão e julgai sempre a diferença do tempo, das formas e das compreensões.

Lamennais

A VOZ DE DEUS

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862
– Médium: Sr. Flammarion)

Ouvistes o ruído confuso do mar, retumbando quando o vento norte infla as ondas e elas se quebram, rugindo suas lâminas de prata sobre a praia? Ouvistes o fragor sonoro do raio nas nuvens sombrias ou o murmúrio da floresta ao sopro do vento do entardecer? Ouvistes nos recônditos da alma essa múltipla harmonia, que não fala aos sentidos senão para os atravessar e chegar até o ser pensante e amante? Se, pois, nem ouvistes nem compreendestes estas mudas palavras, não sois filhos da revelação e ainda não credes. A esses direi: “Saí da cidade nessa hora silenciosa, em que os raios estrelados descem do céu e, colhendo

em vós mesmos os pensamentos íntimos, contemplai o espetáculo que vos cerca e chegareis antes da aurora a partilhar a fé dos vossos irmãos.” Aos que já crêem na grande voz da Natureza, direi: “Filhos da nova aliança, é a voz do Criador e do conservador dos seres que fala no tumulto das ondas, no ribombar do trovão; é a voz de Deus que fala no sopro dos ventos. Amigos, escutai ainda, escutai algumas vezes, escutai muito tempo, escutai sempre, e o Senhor vos receberá de braços abertos.” Ó vós, que já ouvistes a sua potente voz aqui na Terra, vós a compreendereis melhor no outro mundo.

Galileu

O LIVRE-ARBÍTRIO E A PRESCIÊNCIA DIVINA

(Thionville, 5 de janeiro de 1863 – Médiun: Dr. R...)

Há uma grande lei que domina todo o Universo: a lei do Progresso. É em virtude dessa lei que o homem, criatura essencialmente imperfeita, deve, como tudo quanto existe em nosso globo, percorrer todas as fases que o separam da perfeição. Sem dúvida Deus sabe quanto tempo cada um levará para chegar ao fim; mas como todo progresso deve resultar de esforço tentado para o realizar, não haveria nenhum mérito se o homem não tivesse a liberdade de tomar este ou aquele caminho. Com efeito, o verdadeiro mérito não pode resultar senão de um trabalho operado pelo Espírito para vencer uma resistência mais ou menos considerável.

Como cada um ignora o número de existências consagradas ao seu adiantamento moral, ninguém pode prejudicar nesta grande questão, e é aí, sobretudo, que brilha de maneira admirável a infinita bondade de nosso Pai celeste que, nada obstante o livre-arbítrio que nos conferiu, semeou em nosso caminho postes indicadores que iluminam os desvios. É, pois, por um resquício de predominância de matéria que muitos homens se

obstinam em ficar surdos às advertências que lhes chegam de todos os lados, preferindo gastar em prazeres enganadores e efêmeros uma vida que lhes fora concedida para o progresso de seu Espírito.

Não se poderia afirmar, sem blasfêmia, que Deus tenha querido a infelicidade de suas criaturas, já que os infelizes expiam sempre, tanto numa vida anterior mal empregada, quanto por sua recusa em seguir o bom caminho, quando este lhe era claramente indicado.

Assim, depende de cada um abreviar a prova que deve sofrer. Para isto, guias seguros, bastante numerosos, lhe são concedidos, para que seja inteiramente responsável por sua recusa de seguir seus conselhos; e ainda neste caso, existe um meio certo de abrandar uma punição merecida, dando sinais de sincero arrependimento e recorrendo à prece, que jamais deixa de ser atendida, quando feita com fervor. O livre-arbítrio, pois, existe realmente no homem, mas com um guia: a consciência.

Vós todos que tendes acesso ao grande foco da nova ciência, não negligencieis de vos penetrar das eloqüentes verdades que ela vos revela, e dos admiráveis princípios que são a sua consequência; segui-os fielmente: é aí, sobretudo, que refulge o vosso livre-arbítrio.

Pensai, por um lado, nas consequências fatais que arrastareis para vós ao vos recusardes a seguir o bom caminho, bem como nas magníficas recompensas que vos aguardam, caso obedeçais às instruções dos Espíritos bons; é aí que luzirá, por sua vez, a presciência divina.

Os homens se esforçam inutilmente em buscar a verdade por todos os meios que julgam ter na Ciência; esta verdade que lhes parece escapar caminha sempre ao seu lado e os cegos não a percebem!

Espíritos sábios de todos os países, aos quais é dado levantar a ponta do véu, não negligenciéis os meios que vos são oferecidos pela Providência! Provocai nossas manifestações; fazei que delas se aproveitem sobretudo vossos irmãos menos favorecidos que vós; inculcai em todos os preceitos que vos chegam do mundo espiritual, e tereis bem merecido, porque haveis contribuído em larga escala para a realização dos desígnios da Providência.

Espírito familiar

O PANTEÍSMO

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sra. Costel)

O panteísmo, ou a encarnação do Espírito na matéria, da idéia na forma, é o primeiro passo do paganismo para a lei do amor, que foi revelada e pregada por Jesus. A Antiguidade, ávida de prazeres, enamorada da beleza exterior, quase não olhava além do que via; sensual, ardente, ignorava as melancolias que nascem da dúvida inquieta e das ternuras recalcadas; temia os deuses, cuja imagem suavizada colocava nos lares de suas residências; a escravidão e a guerra a roíam por dentro e a esgotavam por fora; em vão a Natureza sonora e magnífica convidava os homens a lhe compreender o esplendor; temiam-na ou a adoravam, como aos deuses. Os bosques sagrados participavam do terror dos oráculos, e nenhum mortal separava os benefícios de sua solidão das idéias religiosas que faziam palpitar a árvore e fremir a pedra.

O panteísmo tem duas faces, sob as quais convém estudá-lo. Primeiro, a separação infinita da natureza divina, fragmentada em todas as partes da Criação e se encontrando nos mais ínfimos detalhes, assim como na sua magnificência, isto é, uma confusão flagrante entre a obra e o obreiro. Em segundo lugar, a assimilação da Humanidade ou, antes, sua absorção na matéria. O panteísmo antigo encarnava as divindades; o moderno panteísmo

assimila o homem ao reino animal e faz surgirem as moléculas criadoras da ardente fornalha onde se elabora a vegetação, confundindo, assim, os resultados com o princípio.

Deus é a ordem, que a confusão humana não poderia perturbar. Tudo vem a propósito: a seiva às árvores e o pensamento aos cérebros; nenhuma idéia, filha do tempo, é abandonada ao acaso; ela tem sua fileira, um estreito parentesco que lhe dá a razão de ser, a liga ao passado e a exorta ao futuro. A história das crenças religiosas é a prova dessa verdade absoluta; nenhuma idolatria, nenhum sistema, nenhum fanatismo que não tenha tido sua poderosa e imperiosa razão de existir; todos avançavam para a luz, todos convergiam para o mesmo objetivo e todos virão confundir-se, como as águas dos rios longínquos, no vasto e profundo mar da unidade espírita.

Assim o panteísmo, precursor do catolicismo, trazia em si o germe da universalidade de Deus; inspirava aos homens a fraternidade para com a Natureza, essa fraternidade que Jesus lhes devia ensinar a praticar uns para com os outros; fraternidade sagrada, consolidada hoje pelo Espiritismo, que vitoriosamente estabelece comunicação entre os seres terrestres e o mundo espiritual.

Em verdade vos digo: a lei de amor expõe lentamente, e de maneira contínua, suas aspirais infinitas; é ela que, nos ritos misteriosos das religiões indianas, diviniza o animal, sagrando-o por sua fraqueza e por seus humildes serviços; é ela que povoava de deuses familiares os lares purificados; é ela que, em cada uma das crenças diversas, faz com que as gerações soletrem uma palavra do alfabeto divino. Mas somente a Jesus estava reservado proclamar a idéia universal que as resume todas. O salvador anunciou o amor e o tornou mais forte que a morte. Ele disse aos homens: “Amai-vos uns aos outros; amai-vos na dor, na alegria, no opróbrio; amai a Natureza, vossa primeira iniciadora; amai os animais, vossos humildes companheiros; amai o que começa, amai o que acaba.”

O Verbo do Eterno chama-se amor e abarca, numa inextinguível ternura, a Terra onde passais e os céus onde entrareis, purificados e triunfantes.

Lázaro

Notas Bibliográficas

O ESPIRITISMO RACIONAL

Pelo Sr. G.-H. Love, engenheiro³²

Este trabalho notável e consciencioso é obra de um distinto cientista, que se propôs tirar da própria Ciência e da observação dos fatos a demonstração da realidade das idéias espiritualistas. É uma peça adicional em apoio da tese que sustentamos acima. Mais ainda, porque é um primeiro passo, quase oficial, da Ciência, na via espírita; aliás, logo será seguido, e disto temos certeza, por outras adesões ainda mais retumbantes, que levarão os negadores e os adversários de todas as escolas a refletirem seriamente. Bastará citar o trecho seguinte para mostrar em que espírito é a obra concebida. Acha-se à página 331.

“Vê-se – e é indubitavelmente um sinal dos tempos – a seita espiritista, que já tive ocasião de mencionar, no § 15, tomar uma rápida expansão entre pessoas de todas as classes e das mais esclarecidas, sem contar o lamentável e saudosos Jobard, de Bruxelas, que se havia tornado um dos mais atentos campeões da nova doutrina.

“É fato que, examinando esta doutrina, seja mesmo na pequena brochura do Sr. Allan Kardec, *O que é o Espiritismo?* impossível é não notar o quanto é clara sua moral, homogênea, conseqüente consigo mesma, quanta satisfação dá ao espírito e ao coração. Ainda que lhe tirassem a realidade das comunicações com

32 Um volume in-12. 3 fr. 50 c., livraria Didier.

o mundo invisível, restar-lhe-ia sempre isto, e é muito, é o bastante para provocar numerosas adesões e explicar seu sucesso sempre crescente. Quanto às comunicações com o mundo invisível, creio ter demonstrado cientificamente que não só eram possíveis, mas deveriam ocorrer todos os dias durante o sono. A inspiração em vigília, cuja autenticidade ou natureza, de acordo com o que eu disse, é impossível pôr em dúvida, é, aliás, uma comunicação deste gênero, embora possa haver casos em que não seja senão o resultado de um maior grau de atividade do Espírito. Agora, que se constata que a comunicação se traduz por noções estranhas ao médium que as recebe, nada vejo aí que não seja eminentemente provável; em todo o caso, é uma questão que pode ser resolvida na ausência dos sábios, que cada médium, que tem a medida de seus conhecimentos no estado normal, e as pessoas de sua família e de seu convívio podem julgar melhor que ninguém, de tal sorte que se o Espiritismo todos os dias faz prosélitos fora da questão moral, é que aparentemente produz bastante médiuns para fornecer a prova de seu estado particular a quem quer que os deseje examinar sem idéias preconcebidas.

“A moral, tal qual a compreendo e a deduzi de noções científicas – não temo reconhecê-lo – tem numerosos pontos de contato com aquela transmitida pelos médiuns do Sr. Allan Kardec; também não estou longe de admitir que se nas páginas por eles escritas muitas há que não ultrapassam o alcance ordinário do espírito humano, inclusive o deles, deve havê-las, e as há, de um alcance tal que lhes seria impossível escrever outras idênticas nos seus momentos ordinários. Tudo isto não me leva menos a desejar que uma doutrina, que não oferece o menor perigo, mas, ao contrário, eleva o espírito e o coração tanto quanto é possível desejá-lo, no interesse da sociedade, se expanda diariamente cada vez mais. Porque, segundo o que tenho lido, calculo que é impossível ser espírita sem ser homem de bem e *bom cidadão*. Conheço poucas religiões das quais se possa dizer o mesmo.”

SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO

**Pregados na catedral de Metz nos dias 27, 28 e 29 de maio de 1863,
pelo reverendo padre Letierce, da Companhia de Jesus,
refutados por um espírita de Metz e precedidos de
considerações sobre a loucura espírita³³**

É sempre uma satisfação ver adeptos sérios entrarem na liça quando, à lógica da argumentação, aliam calma e moderação, da qual nunca nos devemos afastar, mesmo contra os que não usam os mesmos processos a nosso respeito. Cumprimentamos o autor deste opúsculo por ter sabido reunir essas duas qualidades em seu interessante e muito consciencioso trabalho que, não temos dúvida, será acolhido com a atenção que merece. A carta posta no início da brochura é um testemunho de simpatia que não poderíamos reconhecer melhor do que a transcrevendo textualmente, pois é uma prova da maneira pela qual ele compreende a doutrina, bem como os pensamentos seguintes, que toma por epígrafe:

“Cremos que haja fatos que não sejam visíveis ao olho, nem tangíveis à mão; que nem o microscópio, nem o escalpelo podem alcançar, por mais perfeitos que se os suponham; que igualmente escapem ao gosto, ao olfato e ao ouvido e que, no entanto, são susceptíveis de ser constatados com absoluta certeza (Ch. Jouffroy, prefácio dos *Esquisses de philosophie morale*, pág. 5).

“Não creiais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos vêm de Deus.” (*Evangelho*).

“Senhor e caro mestre,

“Dignai-vos aceitar a dedicatória desta modesta defesa em favor do Espiritismo, deste grito de indignação contra os ataques dirigidos contra nossa sublime moral? Seria para mim o mais seguro testemunho de que estas páginas são ditadas por este espírito de moderação que diariamente admiramos em vossos escritos e que nos deveria guiar em todas as nossas lutas. Aceitai-a

33 Brochura in-18. – Preço: 1 fr.; pelo Correio, 1 fr. 10 c.; Paris: Didier & Cia, Ledoyen; – Metz: Linden, Verronnais, livreiros.